

Achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão

No começo desta minha comunicação, afirmo que o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, é a encarnação do cultíssimo espírito do seu fundador e patrono, o saudoso Prof. Doutor Mendes Corrêa. Sem jamais se haver afastado do trilho, que Mendes Corrêa lhe apontou ao incitá-lo a dar os primeiros passos, esta douta entidade seguiu-lhe o impulso e desbravou, no decurso dos anos, caminhos novos no campo da investigação científica. Por isso mesmo, e antes da nossa exposição, aqui estamos numa só alma a prestar sentida homenagem ao insigne fundador do Instituto de Antropologia e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1).

*

* *

No Verão de 1951 tive a honra de receber em minha casa de Freixo de Numão, o Doutor Mendes Corrêa. Levara-o lá o anseio de conhecer de perto a região numantina (2).

Consta das seguintes palavras a impressão que tal visita lhe deixou: «... Não esqueço os dias de 1951 em que, sob a galharda hospitalidade (de quem o acolhera), por ali andei, admirando panoramas, ruínas, velhos solares, vetustas igrejas, venerandos castelos, inscrições, lindas aldeias, fontes de mours encantadas, uma imensidade de coisas belas ou evocadoras, ao lado das actividades actuais, das manifestações de vitalidade perene duma população laboriosa e boa...»

Estas e outras palavras de Mendes Corrêa serviram de introdução ao meu estudo *Antiguidades de Numão*, publicado pelo Centro de Estudos Humanísticos «anexo à Universidade do Porto» (3).

(1) Este trabalho foi apresentado em 12 de Março de 1968 em sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

(2) Segundo se lê no *Foral dado a Numão em 1130 por Fernando Mendes e seus filhos*, o termo de Numão abrangia uma enorme área territorial: «começa no Douro e depois pelo cabeço de Custóias e vai dar ao Rio Mau e daí à Calçada e daí à azenha de Donão e vai dar às Duas Casas e daí ao porto de Novias, no Águeda, que desagua no Douro, e da foz do Águeda que desagua no Douro, até Custóias». Ainda se não conseguiu identificar com localidades de hoje, os topónimos na citação empregados.

(3) Cfr. *obra cit.*, Edições Marânus, Porto, 1953, págs. 5 e 6.

Na sequência de outros trabalhos sob aspectos diversos de Numão (1), apresento nova comunicação.

*
* *
*

Existia na aldeia, a caminho das imponentes muralhas do velho Castelo de Numão (2), uma fonte de chafurdo, de traça romana, denominada Fonte do Campelinho, à qual anda ligada uma lenda de *moura encantada*.

A Sr.^a Antónia Cavaca, uma das pessoas mais idosas de Numão, quase com 90 anos, com toda a sinceridade e convicção, contou-no-la assim: «Um homem que era avô de um Filipe de Numão, e que foi a Roma aviar os papéis para se casar, encontrou naquela cidade uma mulher que lhe deu três pães de trigo para ele trazer e entregar às suas três filhas: Zara, Cacina e Lira, que estavam há muitos anos encantadas. Uma na Fonte do Campelinho em Numão, outra na Fonte de Santa Clara em Penedono e a outra na Fonte da Conselheira em Longroiva. Para o recompensar deste trabalho deu-lhe um cinto de pedras preciosas. Esse homem regressado a Portugal hospedou-se numa estalagem, cuja dona, muito curiosa, quis encetar um pão. Ao cortá-lo ouviu um agudo grito e o pão ficou cheio de sangue. A mulher tomada de medo, meteu o referido pão novamente no saco. O viajante não tendo disso conhecimento, e para cumprir o seu contrato, foi aos lugares onde estavam encantadas as filhas do avô do tal Filipe, deitando os pães nas fontes; evocou na Fonte de Santa Clara de Penedono, o nome de Cacina, que imediatamente apareceu ao cimo da água, voando para o Céu. Chegou à Fonte da Conselheira em Longroiva, deitou o outro pão à água e evocou o nome de Zara, que logo apareceu e libertou-se do seu encanto; a Lira encantada na Fonte do Campelinho em Numão, feita a evocação, veio ao cimo da água, chorosa, maldizendo a sua sorte,

(1) Vid. Numão — *Notável Estação Arqueológica*, Separata de *Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia* (STVDIVM GÉNÉRALE, vol. IX — 1962), Porto, 1962; *Medalhistica Religiosa (Algumas espécies encontradas em Numão)*, Separata de *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia* (Lucerna, vol. III — 1963, Porto, 1963); *Cabeceiras de sepulturas medievais existentes em Numão*, in *Lucerna, Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*, vol. V, Porto, 1966, págs. 690 a 691. *Numão Pré-Histórico (Inventariação de machados de pedra polida ali encontrados)*, Separata de *Arqueologia e História* — 8.^a série das publicações, vol. II — Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1966.

(2) Vid. Damião Peres, *Castelo de Numão*, in *A gloriosa História dos mais belos Castelos de Portugal*, Portucalense Editora, Porto, fasc. 3, págs. 77 e 78.

lamentando-se de ter que ficar ali eternamente encantada, porque a mulher da estalagem ao cortar o pão de trigo que lhe pertencia, cortara-lhe a perna direita».

A Sr.^a Antónia Cavaca diz ter ouvido várias vezes a moura encantada, na Fonte do Campelinho, a encher as canelas do tear e sabe que um cavaleiro misterioso por ali passa, a altas horas da noite, a falar com a moura encantada; o cavalo desse cavaleiro deixou gravada numa pedra, junto da fonte, a marca da ferradura, ainda hoje existente.

Acabou a Sr.^a Antónia Cavaca por me afirmar que se eu tinha dúvidas a respeito do que me contou, fosse à Fonte, de noite, e que ali ouviria a trabalhar no seu tear a moura encantada (1).

As preocupações da higiene e saúde publicas condenaram ao desaparecimento as fontes de chafurdo ou de mergulho, semelhantes ao do Campelinho (2). Foi esta a razão que, em Fevereiro do ano findo, levou o Município de Vila Nova de Foz Côa à realização de obras com o intuito de fechar a referida fonte de mergulho.

O meu interesse aqui não é focar a questão da fonte em si, seja ou não seja de mergulho. Quero sim, chamar a atenção para o seguinte:

Nas obras já referidas encontrou-se uma pedra com as dimensões seguintes: 1,42 m \times 0,45 m \times 0,28 (Figs. 1, 2 e 3). A pedra fazia parte do muro. Ao tirá-la e depois de limpa notaram que a pedra era trabalhada, tendo esculpidas três figuras humanas: uma virada para baixo e duas para o aterra. Foi sorte não terem chegado a parti-la em vários pedaços, como aconteceu em parte à *pedra da ferradura* que teve de ser restaurada. Na imaginação popular aquela pedra com as três figuras humanas anda ligada à lenda das mouras encantadas nas três fontes referidas. Mais uma vez agradecemos ao distinto clínico numantino, Sr. Dr. João Gouveia, o cuidado de não deixar partir e de resguardar no jardim da sua magnífica vivenda aquela singular pedra.

Qual o seu significado?

Notemos antes de mais que, na fonte, existe uma inscrição talvez grega (Fig. 4), cujo sentido procurarei decifrar. A existência ali de uma fonte de arquitectura romana tem explicação natural. Primeiro porque aquela região está semeada de monumentos arqueológicos, epigráficos e numismáticos, comprovativos da roma-

(1) Vem já transcrita no meu estudo *Antiguidades de Numão*.

(2) Vid. portaria emanada do Ministério das Obras Públicas.

nização daquela velhíssima *Cividade*: Em segundo lugar, mesmo que a feitura da fonte no seu conjunto não seja de determinada época romana, pode muito bem ser de inspiração romana, visto que os artistas posteriores de já lusitanidade reproduziram nas suas obras, embora grosseiras, a arte dos antigos dominadores.

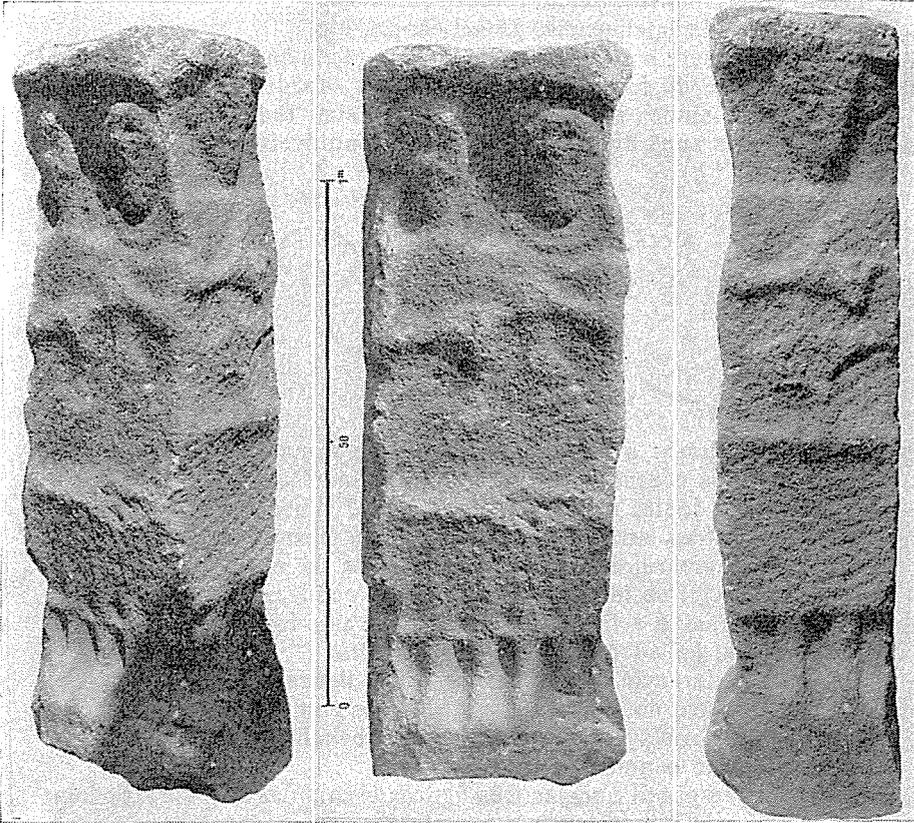


Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

No que se refere à inscrição também não repugna admitir que aquele vocábulo seja grego. É que clássica dominação grega na Itália (hajamos em vista a *grande Grécia* que dominou o Sul da Itália) justifica plenamente o domínio ou simples uso de termos gregos em obras de arte romana.

A harmonia da fonte romana com legenda grega mais evidente nos parece em face da interpretação da palavra.

Na opinião do Prof. Arq. Rogério de Azevedo e de outros estudiosos a palavra Nooc deve ser o genitivo do vocábulo grego Nooc → Nooc , que significa espírito, inteligência, sabedoria e sagacidade. No genitivo, portanto, indicará posse, origem ou complemento determinativo. Assim traduziremos este genitivo desta forma: do espírito, da inteligência, da sabedoria, etc.

Quer dizer: a aceitar-se esta interpretação àquela fonte caberia a designação de fonte do espírito, ou da sabedoria, ou da inteligência ou ainda da sagacidade. E assim todos aqueles que bebem as suas águas adquiririam tão notáveis qualidades.

Fig. 4

Em resumo: a combinação da fonte romana com a epígrafe grega, dá-nos o sentido naturalíssimo da inspiração grego-romana de qualquer fonte, manancial de espírito, sabedoria, inteligência, e tantos outros atributos. As fontes, no mesmo tempo que são caudal de linfa refrescante, regeneradoras de energias, são também manancial de inspiração religiosa e poética.

A conclusão a tirar será a seguinte: esta fonte, possivelmente pré-romana, foi adaptada na época romana.

Com referência à pedra com as três figuras humanas advirtamos que dentro de conceitos relacionados com as fontes se encontra a de que nelas existiam divindades benéficas às quais davam genericamente o nome de *ninfas*.

Até que ponto aquelas três figuras esculpidas na pedra podem levar-nos a relacioná-las com a lenda das três mouras encantadas?

Bem será que aquela fonte seja reposta na sua traça primitiva e aquela pedra singular nela incorporada para realce do seu intrínseco valor arqueológico.

Porto, 12 de Março de 1968.

J. A. PINTO FERREIRA

Director do Gabinete de História da Cidade do Porto